2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 19. QUINTA FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

NOVOS MEIOS DE COMMUNICAÇÃO.

Acabam de annunciar os jornaes politicos que se applanaram as difficuldades entre o sultão e o bachá do Egypto, e mesmo alguns obstaculos materiaes, quanto á construcção de um caminho de ferro atravez do isthmo de Suez. — Quasi ao mesmo tempo nos chega da America a noticia de que se realisara a passagem do isthmo de Panamá. Em fevereiro de 1849 o *Times* excitou a attenção do publico relativamente ás vantagens de uma estrada de communicação entre o Atlantico e o Pacifico pelo lago de Nicaragua; mas, os inglezes amedrontaram-se com as despezas, que se imaginavam para similhante obra. Quando constou, um pouco depois, ter começado as operações uma companhia americana, houve toda a pertinacia em mostrar a impossibilidade de bom resultado. Até se disse, ultimamente, que a emprega falhára de todo; revogando o estado de Nicaragua, por um modo repentino, os privilegios garantidos pela Inglaterra e os Estados-Unidos. Não tardou porém a resposta a estes desanimadores boatos. No *American-News* do principio de novembro passado lê-se que os passageiros do vapor *Pacific*, chegados a San Juan del Sur (Nicaragua) com as malas da California, atravessaram o isthmo em trinta e duas horas. Portanto, a companhia americana venceu difficuldades que por espaço de tresentos annos pareceram insuperaveis; provou que se podia navegar facilmente n'um rio, reputado intransitavel até pelas canôas dos indios.

Completa-se esta boa noticia com outra, igualmente de recente data e de summa importancia. Uma companhia negociou com o governo mexicano a construcção de uma linha de telegraphos electricos entre Vera-Cruz e Mexico, distancia de 300 milhas. Logo depois de rematada esta, se construirá outra similhante de Acapulco a Mexico: e assim ficará estabelecida a communicação entre os dois oceanos.

A proposito de telegraphia electrica mencionaremos o audaz projecto, concebido por M. Aristides Dumont, que se tem dedicado especialmente ao estudo do electro-magnetismo. Propoem elle um systema de communicação transatlantica entre a Europa e a America, inteiramente novo: consiste em sustentar o cabo conductor por meio dos que denomina *fluctuadores*, collocados a certas distancias em vez de adaptal-o ao leito do oceano, como se fez entre a Inglaterra e a França. O cabo ficará suspenso a tal profundidade que não perigue pela circulação dos navios, nem pelas oscillações que tem logar na superficie dos mares.

Os fluctuadores ou boias serão de folha de ferro galvanisada ou de materia analoga, na fórma espherica, ou na de dois cones truncados soldados pelas bases; collocar-se-hão a quatro mil metros de distancia uns dos outros; pelo que serão necessarios 1.200 a 1.300 para galgar a distancia do Cabo-Raye na Terra-Nova á extremidade sudoeste da Irlanda.

A cada uma das boias, e por baixo, estão cavilhadas vergas de ferro de 45 palmos de comprimento, terminadas inferiormente por argolas por onde passa o cabo conductor. De distancia a distancia e para dar ao systema a sufficiente firmeza, a extremidade das vergas das boias é preza a uma corrente ou linha de sonda, que desce ao fundo do mar, e ahi está fixa por uma ancora. Nos casos de profundidade pouco consideravel, um pezo na ponta dessa corrente suppriria a ancora.

Todos pódem appreciar as vantagens deste systema: não ha impedimento á circulação, porque os maiores navios de guerra não demandam mais de dez metros d'agua; possibilidade de operar em porções separadas a preparação e collocação da linha; facilidade de descobrir os pontos onde ella fôr interceptada; e em fim despeza relativamente pouco subida. O auctor deu-se ao trabalho de demonstrar a racionalidade do systema pelo lado dos principios physicos.

Quanto á despeza, avalie-se pelo que vamos di-

zer: 1.000 a 1.200 boias a rasão de dez mil francos cada uma posta no seu logar, total doze milhões de francos: resta o cabo que não seria muito dispendioso; porém, comparada com os resultados que se obteriam, o que é uma despeza de 50 a 60 milhões? O menor dos caminhos de ferro tem custado muito mais.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

(Conclusão.)

As pinhas que se quizerem apanhar para dellas se tirar a semente, devem ser de pinheiros nem muito velhos, nem novos de mais; mas sim de pinheiros que mostrem força de vegetação no crescimento dos ramos; pois nestes as pinhas tambem são maiores, e contém sementes formadas com mais perfeição. Quando os pinheiros bravos tem oito ou nove annos, já dão pinhas; porém é preferivel que se apanhem as mesmas, para semente, de pinheiros que tenham mais de doze annos.

A apanha das pinhas de pinheiros altos é mais trabalhosa, e como nada faz para a bondade da semente, se dá a preferencia aos pinheiros novos para o mencionado fim. Ha quem se persuada, que a semente de pinho do pinhal de Leiria dá pinheiros bravos de casta grande; por haver no dito pinhal pinheiros altos e grossos, como não se encontram em outros pinhaes; o que sómente procede da propriedade do terreno que occupa o dito pinhal, da bastidão precisa, e da idade a que se tem deixado chegar os pinheiros no dito pinhal, sem se lhes applicar o machado; assim como do tratamento natural que alli se dá aos pinheiros; o que em seu lugar exporei: pois o pinheiro bravo ou maritimo em todo o reino é da mesma especie. Outros estão na persuasão supersticiosa que o pinhal de Leiria tem grandes pinheiros, qne dão melhor madeira que os outros pinhaes, por ter sido semeado pela rainha Santa Isabel (esposa d'el-rei D. Diniz, tendo este vivido algum tempo em Monte-Real, villa uma legua distante do pinhal de Leiria, com a sua dita esposa; porém foi o rei o que mandou fazer a sementeira): sendo a bondade da madeira dependente das supraditas causas. Os pinheiros deste pinhal tem mais cerne; porque o pinheiro velho tem mais cerne do que o novo: e quem compra madeira do pinhal de Leiria para construcção de casas, compra sómente o que se chama cerneiros, isto é, páos de que se tem tirado todo o alburno.

Na visinhança do pinhal de Leiria, e na parte da Costa de Mira até Aveiro, se occupa muita gente pobre com a apanha das pinhas, e extracção do pinisco, que depois vendem pelo preço que podem obter, e a maior parte das pinhas apanham de pinheiros baixos, que encontram em quaesquer terrenos, mesmo por fóra do grande pinhal de Leiria; o que não importa; pois se olha sómente que o pinisco seja bem formado, e que não esteja alterado, por terem sido as pinhas abertas em fórnos por meio de calor artificial, o que sempre é mais ou menos prejudicial; devendo as pinhas ser abertas pelo calor do sol no estio.

Nestes sitios costumam apanhar as pinhas nos primeiros mezes do anno, por haver então menos que fazer em trabalhos ruraes; porém eu aconselharia que se apanhassem as pinhas em abril e maio: isto é, pouco antes que faça tanto calor, que as pinhas abram nos pinheiros, e deixem cahir a semente; o que de ordinario acontece nos mezes de julho e agosto, conforme corre a estação dos grandes calores. É verdade que a semente nas pinhas já apanhadas ainda completará a sua formação, quando as deixem expostas ao ar livre.

Depois de apanhadas as pinhas, guardam-se em alpendradas até ao verão, e então se expõem perpendicularmente em eiras ao mais ardente sol pondo as pontas para cima, e o pé por onde estavam presas ao pinheiro para baixo; pois desta fórma ainda que se abram, não lhes cahe a semente, e esta operação não precisa maior cuidado, nem os passaros podem comer a semente. Quando se observa que as pinhas estão abertas, tomam-nas uma a uma na mão, e sacodem-as dentro de uma gamela ou outra qualquer vasilha, cahindo facilmente a semente limpa fóra da pinha. Como este trabalho de ordinario é feito por mulheres e crianças, e é muito simples, acho-o mais adequado, e não mencionarei methodos mais artificiaes, e que se prescrevem nos livros para se tirar a semente das pinhas. Neste clima, o sol aproveitando na estação propria ajuda muito a facilitar esta operação: será escusado mencionar que nos pinheiros se encontram tambem as pinhas velhas, que já tem largado a semente nos annos anteriores, e que ás vezes fecham outra vez com a chuva, e que não se devem apanhar estas, pois não se obteria dellas semente alguma.

Não se devem apanhar as pinhas novas que ainda não estão formadas, e estão verdes, mas sim as pinhas que se formaram no anno anterior; o que tudo conhecerá qualquer pequeno entendedor.

Em outro tempo vendiam nestes sitios o pinisco limpo de palha, ou sem as azas com que a natureza dotou aquella semente, para que o vento a leve a distancia, quando as pinhas se abrem, e deixam cahir a semente, para assim formar a sementeira distante da arvore mãi; e para este fim esfregavam muito o pinisco entre as mãos, e depois o atiravam ao ar para o vento levar as taes azas, da fórma como se pratica no limpar do trigo, milho, e outros cereaes; porém eu introduzi que se lhe conservassem as azas annexas ao pinisco, pelas razões seguintes: o pinisco que tem a sua palha ou azas adherentes, se conhece logo pela côr da dita palha, se o pinisco foi aberto no forno ou ao sol; pois como no forno apanha mais calor, as azas ficam mais cinzentas, e quebram mais facilmente separando-se do grão da semente: o pinisco sem as azas fica mais junto, e é por isso exposto a aquecer mais facilmente, e a corromper-se

em pouco tempo, quando com a palha fica muito fôfo, e por isso arejado, de fórma que se póde guardar, sem prejuizo da bondade da semente, de um anno para outro: e no transporte maritimo para lugares distantes se conserva a dita semente pelas razões mencionadas sem alterar-se. Tambem na operação de se fazer a sementeira se espalha melhor o pinisco com as azas, e com mais igualdade sobre o terreno, do que aquelle que é privado das mesmas. E' verdade que são precisos pelo menos tres alqueires de pinisco com azas, para fazer um alqueire sem ellas; porém o preço tambem é differente, e não se obtém as vantagens que mencionei.

Para evitar que o vendedor misture palha ou azas de pinisco que vendeu sem ellas, estabeleci ultimamente pagar o pinisco com palha, a peso: pois um alqueire de pinisco de cogulo com a palha adherente, e propria peza oito arrateis; e estabeleci pagar vinte réis por arratel ou seiscentos e quarenta por arroba; e é este methodo de se contar a semente de pinho a peso, e não a medida, usual em outras partes da Europa, com as qualidades daquella semente que tem azas ou palha. Como logo se descobriria na sequidão da tal palha, se tinha sido molhada para acudir ao peso, não póde haver fraude ou engano pagando-se o pinisco deste modo.

Devo observar que os ratos são amigos do pinisco, e que é preciso livral-o deste bichinho. As gallinhas, perús, pombos, e outras aves, gostam tambem muito de pinisco, e engordam bem com elle.

O fazer azeite de pinisco, como propõem os livros, não faria conta neste nosso paiz, em quanto houverem outras coisas de que se possa extrahir: e contentemo-nos de dar-lhe por ora o destino para semearmos novos pinhaes.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIV.

ECCE SACERDOS MAGNUS!

Os definidores olhavam uns para os outros sem força para proferir uma só palavra. Não se ouvia senão a respiração mais ou menos alta das seis pessoas que alli estavam reunidas. Por fim o visitador assistente deixou cahir de subito a vista cheia de severidade sobre o confessor d'elrei, dirigindo-lhe as primeiras palavras que dizia depois da sua elevação ao supremo poder na provincia de Portugal. A pronuncia pausada, e a accentuação estrangeira ainda davam mais força a cada syllaba e maior expressão a cada phrase. O tom em que fallou era firme sem ser altivo, frio sem ser glacial.

— « Padre Sebastião de Magalhães! Não lhe parece muito pezado o cargo de confessor d'elrei de Portugal? Sente-se com animo para arrostar os perigos da grande batalha que está a romper por estes dias? Olhe bem! »

O infeliz theologo estava tão pequeno, agora, apesar da corpolencia, quanto costumava incharse nos dias radiosos do seu poder. Ouvindo a pergunta de máu agouro abaixou ainda mais os olhos, e encolheu-se todo na sua roupeta sem abrir a boca. O visitador esperou um instante, e vendo que não respondia proseguiu:

— « Deus é que dispõe do coração dos principes. Quem sabe que a salvação ou a ruina de milhões de homens depende delles, treme da responsabilidade de os dirigir, porque a chave da consciencia é a chave do coração dos reis. Padre Magalhães, pondere isto; e antes de responder veja bem se póde com a cruz. O rei quando erra tem só um juiz no ceu, que é Deus. O seu confessor tem dois, o do ceu que é a infinita clemencia; outro da terra, rigoroso na justiça, que é a companhia. Agora que o adverti, respondame: « está no caso de nos auxiliar *em tudo e por tudo* na côrte? Diz-nos que o coração do rei não varia em nenhuma circumstancia? Em uma palavra segura-nos o bom despacho de quanto se pedir a sua magestade? »

E com os olhos cravados na phisionomia do pobre Vitellio de roupeta, o padre Ventura callou-se de repente, deixando-lhe suspensa sobre a cabeça uma espada de dois gumes. O confessor tinha só um gesto para revelar a prostração do animo; quando o temporal era forte descahiam-lhe as faces sobre as roscas da segunda barba, e metade da cara escondia-se no peito, em quanto os olhos, de côr incerta enviusavam a vista por cima do empinado ventre, para chegar ao interlocutor em que punha o alvo, e desta posição (perdoe-se-nos a ousadia) parecia-se ao borracho amuado levantando o papo para sumir o bico.

Entalado entre as unhas das tres fataes interrogações o padre confessor tinha mais vontade de refrescar as fauces com um copo de excellente vinho, e era apreciador; do que de se enterrar de todo com uma resposta imprudente e precipitada. Preso por ter cão, e preso por não o ter, era atroz.

Depois de muito scismar, julgou melhor sahir

elle, do que porem-no fóra; preferiu as honras do sacrificio á apupada de uma queda desastrosa. Suppoz que o queriam tirar da côrte, e que demorar-se mais um dia era o cumulo da temeridade. Por isso levantando a cabeça com alguma energia, e fazendo-se branco como a cal viva deu á luz, com visivel dôr, a renuncia formal do seu elevado cargo. O visitador ouviu-o sorrindo, e beliscando a orelha esquerda, gesto com que expressava o maior gráu de satisfação.

— « Em tempos ordinarios aceitei o logar por obediencia, disse o padre Sebastião, expellindo cada palavra e esbrugando cada syllaba por entre os dentes, como se as letras lhe cortassem o coração. — As coisas mudaram, e não devo fazer de mim melhor conceito do que os meus superiores. O coração dos reis está na mão de Deus, v. reverendissima o disse! e acrescentarei, *in cauda venenum* — debaixo dos pés do homem os trabalhos. Perguntado, pois, se em tudo o que se pedir haverá bom despacho, digo que não sei; e como alguem talvez mais habil ouse responder que sim, resigno o cargo nas mãos do prelado, e peço licença para viver feliz no meu antigo collegio de Evora. »

Um suspiro involuntario, mas sincero, revelou a pena que o pobre jesuita sentia de ír ser feliz. O visitador acariciou-o com a vista, animou-o com o sorriso, e deixou o concluir na intima persuasão de que a sege voltava sem elle ao palacio de Alcantara, aonde então residia D. Pedro II. Depois, o italiano recolheu-se mentalmente, declinou a luz da vista, e franziu os cantos da boca.

— « Padre confessor — disse por fim olhando recto e firme para a victima — quiz experimental-o. Se me dissesse que sim não podia servir a companhia, e era preciso tiral-o da côrte. Note bem o que vou dizer. V. paternidade (aqui ha só irmãos) tem errado, errado muito na sua direcção espiritual. Não somos jansenistas! Á força de escrupulos e de terrores moraes sei que fez de D. Pedro II um rei fraco, e incapaz de pensamentos grandes; se Roma lhe disser uma coisa e nós outra, cederá ao papa com medo das censuras! Bem vê o perigo que póde haver. Reis que não servem para si, não servem para os outros, e melhor é levar a pancada de um sceptro, do que estar atado ao leito de um paralytico. Queremos reis que tenham vontade sua, e coração forte; custa a fazel-os nossos, bem sei, mas ficam mais seguros. Não edifique em areia, se deseja duração. Erraram assim com o principe D. Theodosio, e elle morreu-nos succumbido! Padre Sebastião, acuda ao mal em quanto é tempo; conforte o auimo e esclareça a rasão d'el-rei... não de repente, pouco a pouco. Deixe-o vêr pelos seus olhos algumas coisas; leve-o pela mão só metade do caminho. A respeito da curia, lembre-se de que em Roma só é que nós somos ultramontanos. Com esta regra que lhe dou continuará a servir a Deus, a el-rei, e á companhia no logar de confessor... Tem alguma coisa a dizer?... Não aceita?... Falle sem temor. »

— « Aceito, padre visitador! » — gritou o jesuita mais com o gesto do que vocalmente, tão engasgado em jubilo se achava. — Aceito mil vezes. . . a honra de ser util á companhia. Mas v. reverendissima dá-me venia para uma desculpa? »

— « Falle! »

— « A opinião de v. reverendissima foi sempre a minha; até representei para Roma o mal que podia seguir-se! Não me ouviram. . . Executor passivo cumpri as ordens; fui escravo dellas. »

Como se vê, o respeitavel theologo ia resuscitando, e recuperando aquella eloquencia firme, que assentou em cheio no sermão revolucionario, meditado pelo iracundo procurador dos dominicos.

— « Executou as ordens, bem sei; — acudiu serenamente o italiano — por isso não é deposto, e continúa. Agora entende melhor como deve haver-se? Ainda bem. Estimo que o seu voto se conforme. Prefiro sempre a obediencia voluntaria. Mas sabe, que não chegaram a Roma as representações, de que falla? Ora pois! Perdemos todos muito com isso, e v. paternidade mais do que ninguem. . .. ha avisos, que, dados a tempo, valem milhões. Ah, padre Sebastião; a fortuna é muito falsa . . . Valha-nos Deus. Affirmo-lhe que não sei de premio bastante para quem na occasião propria fizesse o que devia ter-se feito. Emfim, paciencia! »

Fallando assim, o padre Ventura mostrava tanta sinceridade, que o confessor de el-rei começou a acreditar que não estava tão mal com elle como suppunha.

Censuravam-n'o de uma ommissão grave; mas elle tinha provas de que estava innocente nella. Em todas as occasiões delicadas escreveu com boa informação para Roma e pedira novas ordens; porém debalde; nunca recebeu resposta. Agora percebia a rasão. A resposta faltava; por que as suas correspondencias eram interceptadas ou pelo menos mutiladas na cella do prelado, o

unico, a quem pelo seu cargo competia expedi-las ao geral.

Com perfidia sem exemplo, o superior, figurando-se amigo intimo roubava-lhe systematicamente o conceito e a influencia em Roma, supprimindo, ou fazendo suas as informações do confessor. Conhecida a traição, ateou-se de repente no peito do padre Sebastião aquelle odio intenso, decidido, e eterno que se chama odio de frade, e não tem egual no mundo. Os olhos, primeiro, o gesto depois, declararam ao falso amigo a ruptura da antiga alliança e a guerra implacavel que já ia substitui-la; para a lingua funccionar foi preciso mais tempo; decorreram alguns minutos, antes do queixo inferior cahir na sua posição natural, deslocado pela raiva; e as idéas, confundidas pela revelação do visitador, assentarem, permittindo qualquer manifestação vocal.

Porfim, em quanto o provincial amarello de cidra parecia summir-se pelo chão abaixo, fulminado pelos coriscos que dardejavam os olhos do padre Sebastião, e pelo sorriso cortante, que dos labios do padre Ventura lhe ia morder no coração, o rubicundo e corpulento confessor respirava com mais gosto, e tomava melhor o pulso ás difficuldades, que o cercavam. Resolvido a castigar immediatamente a má fé do superior, descarregando sobre elle a culpa, que lhe imputavam, o jesuita ainda convulso da comoção, que sentira, exclamou:

— « Se o meu crime é a falta, que v. reverendissima nota, devo justificar-me... Aqui está quem viu e ouviu ler as informações... Alli está, egualmente, quem as recebeu da minha mão, e approvou em conselho... Agora, accuso-me de simplicidade e negligencia por não escrever por duas vias; accuso o padre superior de ter subtrahido, occultado, mutilado, não sei qual, diversas informações que dei a tempo... É o que tenho a dizer. »

— « Quando fôr occasião eu explicarei... » — disse o provincial derrotado.

— « De certo! — atalhou o visitador. — Deve explicar. Padre confessor, fico-lhe fazendo mais justiça. Socegue; darei conta ao geral. Agora passemos aos negocios de fóra; ás coisas ultramarinas. Padre Telles, em que estado está o Japão? Perdemos ou ganhamos lá muitas almas para Deus? »

— « O Japão não se converte, martyrisa! » — respondeu o accessor interrogado. — « Todos os dias o nosso missionario, o unico que ainda lá temos, nos escreve, pedindo que o desobriguem... »

— « Do perigo de padecer pela fé? Não póde ser. Que não desanime, e tenha diante dos olhos o exemplo de S. Francisco Xavier... O soldado de sentinella a um posto deve ficar, ainda que saiba, ainda que veja que vae morrer.... é o nosso caso. Padre Telles, sei o que está nos seus papeis, não precisa dizer tudo. Sei mais que é amigo do missionario; que procura tiral-o do Japão e dar-lhe uma aldeia na America. Ora pois! Os negocios vão mal, porque o zelo esfria... Para outra vez demore menos a resposta; quem está longe, já que não vê, precisa ouvir os superiores... A proposito, diga ao padre Silva (creio que é o seu nome), que se cumprir bem as ordens, será mudado para a outra viagem... Se cumprir, percebe? Ah, padre Simões como vae a China? Trabalha-se muito, de certo; mas a seára não amadurece. O que nos diz de mais particular? »

— « Que não se tem posto os meios, e por isso se não adianta nada » — replicou o jesuita, cruzando a vista com o prelado. Que se poupa em Cantão, em Pekin, e nas provincias, e que se gasta de mais em outras partes. Se não comprar-mos a tolerancia dos mandarins, os dentes do lobo não deixam fugir o cordeiro. Tudo se remedeia, menos o medo da morte em gente fraca. »

— « Tem rasão. Quando não se cultiva não se colhe. Ora bem! Os nossos missionarios esquecem-se muito de que o são; e nós queremos apostolos na China e não sapatras na India. A cruz já tem raizes fundas naquellas partes; o caso era plantal-a. Agora se a não abrigarem, por força cahe.... os ares são finos, e muito sujeitos a temporaes.... Deixe estar, padre Simões, havemos de cuidar da China; as suas missões hão de florescer.... Vejamos a America, padre Nunes! O que traz o seu correio? »

— « Ha dois annos que peço providencias e não sou ouvido » — respondeu o velho definidor com certo desgosto. Faz-se pouco ou nenhum caso das ordens de Lisboa; apezar dos capitulos entram todos pelas aldeias e vexam os indios... Não os ensinam, maltratam-nos, e todo o exemplo é tirar grandes cabedaes.... »

— « Donde não os ha. É verdade. Esta gente cuida que o oiro não é sangue, e por uma rupia arriscam corpo e alma. Continue. »

— « Depois os ultimos decretos de Roma desagradaram. Gasta-se muito em ostentações, em

banquetes, e não se melhora nada. Tinhamos um engenheiro a canalisar os rios e despediram-no. As plantações não se cuidam; tudo é pouco para festas e regalos. . . . »

— « Não diga mais; vejo que é sincero. Falla-se na corte e em toda a parte da riqueza do nosso commercio. De que serve que os outros saibam se nós somos pobres ou abastados? A casa de Areco rendeu oito mil pezos fóra o valor das mercadorias? Bem. Mas arremataram-na a um negociante de Cordova. Valha-nos Deus! Escreva ao procurador geral que desfaça o contracto por todos os modos. Eu não quero que a mão dos estranhos tome o pezo ao nosso cofre, ou que os de fóra vejam tanto como nós no interior do governo. Entende? Sei as ordens que expediu para o Brazil. Reforme-as. O geral Tirso Gonçalves era hispanhol, levava tudo a ferro e fogo. Tosquiam-me as orelhas muito rente, padre Nunes, e por um arratel de lã mais não quero perder a rez. Isto é figura. As aldeias dos Indios são nossas, mas nossa é tambem a terra, e nem por isso a esgotamos. . . . »

— « É exactamente o meu voto, padre Visitador. Representei o perigo de uma sublevação dos indios, e mandaram-me que obedecesse. . . »

— « Mandaram mal, está claro. Se não formos melhor do que os soldados, os indios fogem de nós e vão para quem os chamar. Os selvagens são como as creanças, querem mimo. Ganhámos aquelles territorios palmo a palmo, com a cruz na mão, e o amor de Deus na bocca; chegamos pela paz a ser mais fortes do que os castellos e os terços de el-rei. . . . Agora vexam-me, roubam-me os indios?! E se elles se levantarem? Se os hispanhoes, ou os francezes vierem? Não se apoderam da colonia, e não se mettem de dentro, e não ficamos nós de fóra? . . . . Esta gente não vê nada! Padre Nunes é preciso que a ignorancia se desbaste com pausa, com tento; nem sabios que intendam de mais, nem rusticos que saibam de menos. Os rebanhos vão atraz do pastor; os homens nem sempre. Levem-nos pelo amor; que o bom far-se-ha melhor, e do inimigo faz-se um amigo. Lembrem-se de que o lião, até o lião, lambe as mãos que o curam: se o coração dos indios não fôr nosso ou estiver com outrem, que é o mesmo, o governo da companhia dura poucos annos na America. Repare nisto, e acautele! Ah, padre Sines, tem susto da India? Estamos em bloqueio? Não importa, Deus proverá. Falle. Sabe, e póde dar boa conta. O que nos diz? »

— « Que é má questão, padre visitador! A curia insiste; os vigarios apostolicos, francezes e italianos, segundo informam de Roma, brevemente vão sahir para as igrejas do Oriente por nomeação da propaganda. . . . o

— « Para as apanharem de subito? Fallaram muito alto, padre Sines, e por isso verá que perdem a partida. A batalha é perigosa, confesso, mas querendo Deus ha de ganhar-se. Deixe estar. Mandam á India, á China, ao Japão os vigarios apostolicos? Bem! Agora pergunto: ha pastor sem rebanho? Quem lhes dará posse ou os seguirá, se nós não quizermos? Não reflectiram nisto; pois valia a pena. Para governar não basta a vontade, é preciso o saber; e elles das missões não sabem nada. Vão com os olhos tapados. . . . hão de cahir, digo-lho eu. »

— « Entretanto não desanimam; » — acudiu o accessor — « contam obrigar os nossos missionarios a reconhecer a sua auctoridade. Fallam das censuras de Roma. . . . »

— « Ou obrigarão, ou não, padre Sines. De longe tudo é facil. Depois enganam-se; quem lhes diz a elles que é lá, e não mais perto, que nos hão de encontrar? Roma, em bullas authenticas, não reconheceu o padroado portuguez? Póde expedir outras, contradizendo-se em presença de tantos reis offendidos pela usurpação? Não creia! Os vigarios apostolicos não levam senão breves clandestinos. . . . Ora a verdade é uma só. Se o papa disse em publico que as egrejas do Oriente eram de quem as fundou, não póde dizer em particular o contrario. Não defendemos senão a gloria e a boa fé do pontifice, se accusarmos de falsidade os breves, e de calumniadores os vigarios. . . . Já percebe? Com o sceptro de el-rei D. Pedro fecha-se-lhes a entrada. . . . Aquellas egrejas da India tem muito sangue portuguez nos cimentos, não se largam assim de graça. De mais, a propaganda quer a cruz no Oriente, mas gosta della encastoada em pedraria. . . . Um prégo de oiro na roda, que a roda ha de parar. »

— « E não deixamos nenhum padre de fóra nas missões? Parece-me que é o mais conveniente desde já? » — Insistiu o padre Nunes, olhando para o visitador com a vista cheia de sagacidade.

— « Nem um só, observa muito bem. Se lá entram, gostam, e ateimam. Prudencia e serenidade; não é preciso mais. Nada de nos exaltarmos; nada de nos excedermos. O nosso escudo é el-rei de Portugal. Cubra-se a compa-

nhia com elle, que o não ha melhor. . . . »

— « As noticias de Roma ainda fallam muito. . . »

— « Em quê? »

— « N'uma reconciliação. Parece que o cardeal secretario insinuou, que a propaganda não estava longe de nomear os nossos missionarios seus vigarios apostolicos. »

— « Sim? tambem tenho idéas vagas disso. E então? se a propaganda o quer, que remedio! O instituto da companhia não é absoluto; neste caso manda obedecer. Seremos vigarios apostolicos. Resistindo á nomeação dos padres de fóra das missões defendemos el-rei de Portugal, senhor natural. Aceitando a nomeação de Roma servimos o papa, senhor espiritual. O mais não é comnosco. Não é este o seu voto, padre Sines? »

— « Se v. reverendissima permitte, observo só que ficaremos mal olhados aqui, e talvez expostos. . . »

— « É possivel. Mas ficaremos bem em Roma. Depois, tudo se acommoda; neste mundo é assim. Cá diz-se que é melhor sermos nós, vassallos da corôa, e vassallos fieis, do que estrangeiros tirados das corporações religiosas sem raiz nem terra em Portugal. Lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos por mera obediencia. . . Ainda tem alguma duvida? »

— « Ainda ha o negocios dos quindenios, que em dinheiro val muito, que em consideração val tudo. E os dois juntos parece impossivel que se vençam. »

— « Separados é que não se ganhavam. Optar entre dois males pelo menor é a verdadeira regra. Os quindenios não se pagam sem razão sufficiente. El-rei D. Pedro comprometteu a sua dignidade a nosso favor; deste lado estamos seguros. Agora veja bem! E se o interesse maior disser que se paguem? Não devemos perder o menor e salvar o mais? Por exemplo, se pagando nós os quindenios, a propaganda nos fizer vigarios apostolicos no oriente, não vale a pena? »

— V. reverendissima de certo prevê todas as consequencias! » — exclamou o provincial, convulso e suffocado de medo diante da audacia desta politica.

— « Pois não prevejo!? É verdade; ha de rebentar um temporal, em que sendo mau o piloto podia naufragar o baixel de Santo Ignacio nesta costa de Portugal, que não é pouco brava... ás vezes. — Replicou o visitador sereno e risonho. Hão de estranhar, censurar, exterminar até algum de nós, o padre provincial por exemplo. Mas *quid inde*? A companhia ganha, e o individuo perde. Isso o que prova é a necessidade de termos amigos, poderosos e muitos. Padre confessor, padre provincial, o que ha a este respeito? Contemos as forças antes da batalha. . . Quem não é por por nós. Estou ouvindo. »

E encostando-se ao largo espaldar do seu throno sacerdotal, inclinou a face á mão, e ficou immovel. O superior e o padre Sebastião suspenderam um instante a vista agressiva, que trocavam, desde o principio da conferencia, para se consultarem sobre a resposta mais opportuna. Ambos tremiam dos perigos, que iam correr, obrigados a servir de instrumentos de uma politica, que nos seus calculos sinuosos, jogava sem escrupulo com a corôa do rei e a theara do papa, desarmando um pela mão do outro. Não ignoravam, que a cholera de D. Pedro II, escarnecido no seu poder, e ludibriado na sua boa fé, cahiria fulminante sobre os motores ostensivos da companhia. Percebiam optimamente que os deixaram nos seus cargos para representarem o papel de bode emissario dos hebreus. A sociedade impunha-lhes os seus peccados, e deixava-os lapidar por quem quizesse. Entretanto obedecer era o que lhes cumpria. O que valiam ou significavam elles diante do engrandecimento e gloria da companhia?

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXII.

A montaria.

El-rei logo que montou a cavallo agitado pela raiva que lhe causaram as palavras do Infante, impaciente, desejoso de movimento, deu de esporas e partiu ao gallope pelos areaes cubertos de mato rasteiro, que se estendem entre Salvaterra e Benavente, seguido apenas por alguns fidalgos.

Atraz delle e em carreira menos veloz, a rainha, o infante, algumas damas, e e resto da corte seguidos dos monteiros e moços do monte, encaminharam-se tãobem para o carrascal onde a montaria devia ter lugar.

A manhã estava esplendidamente formosa; no horisonte apenas havia ligeiras nuvens, que os raios do sol tingiam de um côr de rosa vivo e luminoso, o ar não azul retinto como nas madru-

gadas do verão, mas esbranquiçado, parecia tornar mais difusos e suaves os clarões do sol. O mato, aque se suspendiam em miriades as gotas do orvalho, havia-se metamorphoseado nessas plantas prodigiosas cujas flores são rubis, cujos fructos são diamantes, que só vecejam e exalam perfumes nos jardins encantados, que os poetas orientaes nos descrevem. As avesinhas levantando-se espavoridas debaixo dos pés dos cavallos, iam, lançando pios de terror, buscar nas alturas abrigo e segurança.

O espectaculo da natureza, acordada do seu dormir nocturno pelo luzeiro da madrugada, naquella extensa planura onde parecia conservar-se ainda inalterada a phisionomia selvagem, singella, quasi monotona dos paizes inhabitados, não era gracioso mas era bello: a alma dilatava-se com os olhos pela extensão dos campos. O coração do infante, agitado pela convulsão violenta que a ambição e o odio excitam naquelles que são assas desditosos para se deixarem subjugar por essas ruins paixões, dominado porém naquelle tempo por paixão mais suave, ia-se pouco a pouco serenando, á medida que a poesia da natureza, e os efluvios do amor lhe penetravam os sentidos. El-rei levado pelo seu cavallo em carreira desfechada, foi-se sempre alongando da comitiva da rainha, até que uma quebrada do terreno o poz fóra da vista desta; então D. Pedro cercado de fidalgos moços, de damas formosas, debaixo do influxo de um céu puro, quebrando debaixo dos pés do seu lasão os ramos de rosmarinho e as estevas, que o orvalho da noite cubrira de diamantes, sentindo-se amado pela rainha, de cujos olhos formosos elle via irradiar-se a esperança, esqueceu tudo para só pensar na sua felicidade e no seu amor.

A rainha tãobem não despregava os olhos do principe: e o bello rosto em que se reflectiam vivamente todos os sentimentos de uma alma ardente, estava animado e alegre. A alegria dos principes bem depressa se communicou a quantos os acompanhavam. A meia legua de Salvaterra já todos os signaes de terror e de cholera que a altercação do infante com el-rei havia feito aparecer nas caras espavoridas dos cortesãos, se tinham desvanecido: a serenidade, a alegria, ou essa expressão dubia e multiforme que tira aos lisongeiros todo o caracter physionomico, e definido é um dos maiores requintes da sua arte abjecta, transparecia em todos os fidalgos.

O carrascal em que os emprazadores tinham amalhado os porcos estava situado para o norte de Benavente, e cubria quasi totalmente um oiteirinho de pequena elevação a que se prendiam dois tesos cubertos de çarças rasteiras e de herva. Entre estes accidentes do terreno havia duas ou tres quebradas, cavadas pelas aguas do hynverno: n'uma dellas que ficava nas faldas do oiteiro, borbulhava das fendas de uma rocha calcarea, que a area não cubria de todo, uma agua limpida e fresca, que depois de se deter um pouco na concha, que ella mesma cavava na pedra, ia serpeando por entre a relva e o musgo de um prado em miniatura perder-se no areal. Esta fonte, toda frescura, perfumes, e flores, era assombrada por quatro bellos freixos de folhagem ligeira e ondulante, e cercada de moitas e moitas em que as estevas se entrelaçavam com as silvas, as clematites e o alegra-campo. Era junto desta fonte que D. Affonso VI se havia apeado, foi alli que se reuniram todos os caçadores.

El-rei cercado dos emprasadores inquiria sobre o modo porque elles tinham descuberto e amalhado os porcos. Não havia duvida que para o carrascal, naquella madrugada, entrara um porco grande seguido de um marrão ou escudeiro, como lhe chamavam os caçadores: os emprasadores tinham seguido o rasto das rezes sem serem aventados por ellas, e descuberto assim o lugar onde se recolhiam.

A esperança de uma montaria que, segundo a opinião dos caçadores experimentados, não podia deixar de ser interessante, animava os principes e os fidalgos. Rivalidades, odios, desejos malogrados, ambições não satisfeitas, tudo foi esquecido, ou pelo menos pareceu esquecido pelos cortesãos. D. Affonso e o infante conversaram sobre o modo porque devia ser feita a montaria: o Castello-Melhor e D. Rodrigo de Menezes discutiram placidamente e com a boca cheia de riso os meritos e bellezas dos lebreos inglezes d'el-rei.

Resolveu-se alli mesmo que o marrão, que era de esperar fosse o primeiro a sahir da moita, seria monteado á lança por el-rei; e o porco grande entregue aos lebreos inglezes. Então, o monteiro-mór ordenou a montaria distribuindo os caçadores, os monteiros e os moços do monte em roda do carrascal, e foi pôr el-rei n'uma quebrada por onde, segundo o parecer dos mais sabedores das coisas da caça, devia escapar-se a rez quando se visse atacada e perseguida pelos sabujos. A rainha, sua alteza, Ninon d'Amurande e outras damas ficaram com alguns fidal-

gos nas proximidades da fonte para verem a caçada, em que não deviam tomar parte.

Dispostas assim as coisas pelo monteiro-mór, sua magestade deu signal para começar a montaria, tirando de uma trombeta doirada, que trazia a tiracollo, alguns sons agudos e desafinados. Sua alteza, cuja paixão pela trombeta lhe não consentia ficar silencioso quando tinha occasião de mostrar as suas prendas, embocou tambem a trompa de caça, e repetiu o signal dado por el-rei, tocando uma *fanfarra*, se não com muita perfeição, ao menos de um modo que não ofendia os ouvidos de quem o escutava.

Immediatamente os moços do monte largaram a matilha dos sabujos de solta, os quaes excitados pelos gritos e alaridos dos caçadores, se embrenharam no carrascal em carreira desfechada. Não tardaram os cães em dar signal de que haviam encontrado a preza que demandavam. Os latidos dos sabujos que a principio eram repetidos, raivosos, pouco a pouco se tornaram mais vagarosos, e como dados a medo.

— É signal certo de que os sabujos encontraram porco velho e experimentado — disse a el-rei o couteiro Antonio Rodrigues. — Quando elles acham só marroada ladram com atrevimento; mas em dando com rez que lhes rebata os impetos, e que lhes mostre os dentes deveras, já são mais cautelosos e menos linguarães. Vil cansoada!

— Enganaram-se então os emprasadores — interrompeu el-rei, — quando disseram terem visto entrar um porco e um marrão na moita.

— Não se enganaram talvez, perdoe-me vossa magestade. Os sabujos deram com o porco primeiro, e por isso ladram assim: o marrão, o escudeiro, indo provavelmente meter-se adiante, e então, em quanto os cães o perseguiram, fugira o porco.

— Este não foge de certo, porque se lhe deitam os lebréos.

— O alarido geral levantado por caçadores, e o ladrar mais aproximado dos sabujos veio cortar este dialogo de el-rei com o velho couteiro. Um marrão perseguido pelos cães, saía correndo, e cortando o mato, do carrascal serrado, que coroava o oiteiro. A rez ora fugia para se salvar dos seus perseguidores, ora, sentindo-se seguida de perto, parava para se defender: então travava-se uma lucta, que apenas durava instantes, e a fera rasgava com os dentes açaculados e agudos um sabujo, o que fazia que os outros della se alongassem.

Affonso VI logo que a rez entrou n'uma planura que ficava a meia encosta, deu de esporas ao cavallo, e correu sobre ella, com a lança em punho. Um golpe rijo dado perpendicularmente com a lança no dorso do porco atravessou este de parte a parte: el-rei quando sentiu a lança presa, largou-a; e principiou a correr em roda da rez, que, ferida, assustada pelos gritos dos caçadores, e dilacerada pelos sabujos, deu apenas algumas voltas desatinadas na planura, e caiu por fim esvaecida e sem alento.

A victoria de el-rei foi celebrada por toda a côrte. Sua magestade ria, batia as palmas, fazia os gestos mais desordenados para manifestar a sua alegria, e repetia continuamente em altos brados, voltando-se ora para a rainha, ora para o infante:

— Digam agora que eu sou tolhido do lado direito, que fiquei paralitico de pequeno! Digam que eu não presto para nada, que não posso nada, e que por isso me ia matando o toiro d'Azeitão! Ninguem dava uma lançada melhor do que esta: nem tu, Pedro, e mais és um gigante. Digam que sou paralitico! Hei de fazer aos meus inimigos o que fiz a este porco, passal-os de parte a parte com uma lança: para lhes provar que mexo perfeitamente braços e pernas.

Novos brados, novo alarido dos caçadores que estavam do lado opposto da moita, deram signal de que a outra rez, o javalí grande que ficava escondido na malhada, saira do carrascal. El-rei, seguido dos fidalgos e dos caçadores, correu ao logar d'onde partiram os gritos; e ordenou que se largassem ao porco dois lebréos inglezes, que um moço do monte trazia atrelados.

Soltos os lebréos, travou-se a lucta destes com o porco, que ao vêr-se atacado recuára até ao carrascal para ahi se defender. O javali era um feroz e temeroso animal, com as cerdas ouriçadas, os olhos flamejantes, e a bocca escamosa e escancarada, deixando vêr dentes alvos e agudos: os lebréos hesitaram instantes, porém animados pelas vozes dos caçadores, arremeçaram-se sobre elle, buscando fillal-o pelas orelhas, ou pelo cachaço. O porco ora afugentava os lebréos dando-lhe fortes trombadas, ora sentindo as carnes dilaceradas pelos dentes destas, sacudia o corpo com tal violencia que lançava a muitos passos de distancia os seus audazes inimigos. O combate durou assim poucos minutos; até que a fera, sentindo-se impotente contra os repetidos ataques dos lebréos, e as-

sustada pela maioría dos caçadores, aproveitou um momento em que os cães se haviam affastado um pouco delle, e fugiu, rompendo a linha dos caçadores, que sobre ella dispararam inutilmente alguns tiros.

Quando Affonso sexto correra para o lado do carrascal, opposto áquelle em que fôra morta a primeira rez, haviam-no seguido todos os fidalgos e os caçadores; o infante porém e a rainha, apenas acompanhados por Ninon d'Amurande em vez de seguirem el-rei deixaram-se ficar junto á fonte aprazivel e amena, que borbulhava á sombra dos salgueiros.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

ROMA E SEUS ARRABALDES.

(Carta de M. de Chateaubriand.)

(Concluida de pag. 203.)

A ilha de *Nisida*, que serviu de retiro a Brutus depois da morte de Cesar, a ponte de Caligula, a *piscina admiravel*, todos estes palacios edificados no mar, de que falla Horacio, valeriam bem a pena de nos demorarmos nelles um pouco. Virgilio collocou, ou achou nestes logares as bellas ficções do sexto livro da sua Eneida; é d'alli, que elle escrevia a Augusto estas palavras modestas (são, me parece, as unicas linhas em prosa, que nós conhecemos deste grande homem):

Recebo frequentes vezes cartas tuas... Em quanto ao meu Eneas, se fosse digno dos teus ouvidos, por Hercules, que de boamente t'o enviaria: mas é uma empresa tamanha, que me parece ser quasi loucura tel-o principiado, entregando-me principalmente, como sabes, para esta obra, a diversos estudos, muito mais consideraveis do que a composição da mesma obra.

Este fragmento acha-se nas Saturnaes de Macrobio, liv. 1, c. 14, que tem por titulo: *De laudibus, variaque eruditione Virgilii.*

Provavelmente depois da guerra dos Cantabros (segundo se lê na vida de Virgilio attribuida a Donato) é, que o poeta escreveu esta carta a Augusto, que o instava para lhe enviar em todo ou parte a sua Eneida. — Virgilio recusava-se ao principio, e só longo tempo depois é que leu a este principe o 2.°, 4.°, e 6.° livro.

A minha romaria ao tumulo de Scipião o Africano é uma daquellas, que mais tem satisfeito o meu coração, ainda que não consegui o fim, por que a tinha emprehendido. Tinham-me dito, que o seu mausoleo ainda existia, e que ainda se lia nelle a palavra *patria*, unico resto desta inscripção, que se pertende ter ahi sido gravada: *Ingrata patria, não terás os meus ossos.* Fui á *patria*, á antiga *Literna*, não achei o tumulo; mas vaguei sobre as ruinas da casa, que o maior, e o mais amavel dos homens habitava no seu exilio: parecia-me vêr o vencedor d'Annibal passear á borda do mar sobre a costa opposta á de Carthago, e consolando-se da injustiça de Roma pelos encantos da amisade, e pela consciencia de suas virtudes.

Em quanto aos romanos modernos, meu caro amigo, Duclos parece-me que estava de mau humor, quando lhes chamava *os italianos de Roma*. Eu creio, que entre elles ainda ha o amago de uma nação pouco commum. Facilmente se póde descobrir entre esse povo, julgado com demasiada severidade, um grande senso, coragem, paciencia, genio, vestigios profundos de seus antigos costumes, um não sei que ár de soberano, e alguns nobres usos, que respiram ainda a realeza. Antes de condemnar esta opinião, que vos póde parecer extravagante, seria necessario ouvir as minhas rasões, e eu não tenho tempo de vol-as expor.

Quantas coisas me restariam a dizer-vos sobre a litteratura italiana! Sabeis vós, que não vi senão uma vez na minha vida o conde Alfieri, e advinharieis em que circumstancias? Vi-o metter no feretro! Dizem-me, que não estava mudado; a sua physionomia pareceu-me nobre e grave; a morte ajuntava-lhe certamente uma nova severidade. Eu devo á bondade de pessoa muito sua querida, e á civilidade de um amigo do conde Alfieri de Florença, notas curiosas sobre as obras posthumas, e as opiniões deste homem celebre. A maior parte dos papeis publicos em França não vos tem dado a este respeito mais que informações troncadas e incertas. Em quanto que não posso communicar-vos as minhas notas, remetto-vos o epitafio, que o conde Alfieri havia feito, ao mesmo tempo que o seu, para a sua nobre amiga:

Hic. sita. est.
Al... E... St...
Alf... Com...
Genere. forma. moribus.
Incomparabili. animi. candore.
Prœclarissima.
A. Victorio. Alferio.
Juxta. quem. sarcophago. uno. [1]
Tumulata. est.
Annorum. 26. spatio.
Ultra. res. omnes. dilecta.
Et. quasi. mortale. numen.
Ab. ipso. constanter. habita.
Et. observata.
Vixit. annos... menses... dies...
Hannoniœ. Montibus. nata.
Obiit... die... mensis...
Anno. Domini. M. D. CCC. [2]

[1] Sic inscribendum, me, ut opinor et opto, præmoriente: sed aliter jubente Deo, aliter inscribendum:

Qui. justa. eam. sarcophago. uno.
Conditus. erit. quamprimum.

[2] « Aqui repousa Heloisa E. St., condeça d'Al., illustrissima por seus avós, celebre pelas graças da sua pessoa, pelos dotes do seu espirito, e pela candura incomparavel da sua alma. Sepultada ao pé de Victor Alfieri em um mesmo tumulo *; preferiu-a, durante 26 annos, a todas as coisas da terra. Mortal, foi constantemente seguida e honrada por elle como se fôra um nume. Nascida em Mons, viveu... e morreu a... »

* Assim escrevi, esperando, anhelando morrer primeiro; mas se al prouver a Deus, escrever-se-ha de outra fórma: « Sepultada pela vontade de Victor Alfieri, o qual breve o será junto della no mesmo tumulo. »

A simplicidade e principalmente a nota, que o acompanha, parecem-me summamente tocantes.

Por esta vez tenho acabado; remetto-vos este montão de ruinas, fazei dellas o que vos agradar. Na descripção dos diversos objectos, de que vos tenho fallado, creio não ter omittido nenhuma circumstancia notavel, senão que o Tibre é sempre o *fluvus Tiberinus* de Virgilio.

Querem, que elle deva esta côr limosa ás chuvas, que cáem das montanhas, donde desce. Muitas vezes pelo tempo mais sereno, vendo correr as suas aguas descoradas, tem-se-me representado uma vida principiada em meio de tormentas: em vão passa o resto do seu curso por debaixo de um ceu puro; o rio fica tinto das aguas da trovoada, que o toldaram na origem.

CHATEAUBRIAND.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Condecoração a um artista. — Acaba de ser agraciado por S. M. A Rainha com o habito de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa o distincto scenographo italiano sr. José Cinatti, pelos valiosos serviços que prestou á commissão encarregada de levar a effeito a exposição a beneficio das casas d'asylo da infancia desvalida, não só na decoração e arranjo artistico da grande sala onde actualmente tem logar aquelle acto philantropico, mas tambem na escolha e classificação dos variados primores d'arte que alli se acham expostos.

O nome do sr. Cinatti é bem conhecido, e a reputação artistica que merecidamente gosa foi-lhe grangeada, não só pelos seus trabalhos scenograficos que o publico de Lisboa tem constantemente admirado, como tambem por diversas obras de pintura de decoração, que igualmente attestam o seu talento.

Presamo-nos de ter entre nós um artista de tanto merecimento como o sr. Cinatti e muito estimamos que elle tenha recebido da Soberana um testimunho tão distincto de consideração.

D. R.

Noticias da estação. — *O Conciliateur* dos Altos-Pyrenneus, de 30 de novembro refere, que as chuvas cahindo em torrentes havia dias naquelle departamento engrossavam os ribeiros dos valles, de modo que o Adour, que os recebe todos, de certo sahiria do alveo. Já constava de estragos consideraveis em varios sitios, pelo rompimento dos diques de segurança. A estrada das caldas de Baréges estava bastante damnificada.

Do departamento do Tarn escreviam na mesma data que nos primeiros dias da semana fôra tamanha a quantidade de neve nas serras, que em muita parte tinha mais de quatro palmos de altura.

Nos arredores de Trappes e de Meaux os trigos semeados em outubro tardaram muito a nascer, e os que foram deitados á terra mais tarde não davam mostra de si, procedendo tudo da nimia secca. Sobrevieram chuvas no fim de novembro, e poderia ainda fazer-se sementeira com bons auspicios se não houvesse receio de subita apparição das geadas.

Em Hespanha, na Castella e na Andaluzia, soffrem-se as consequencias da excessiva secca que igualmente aflige os lavradores portuguezes. Na provincia de Salamanca, limitrophe nossa, ou não se tem semeado, ou deixaram de nascer os cereaes; na provincia de Sevilha succede quasi outro tanto, e o gado morre por falta de pastos. Em Cadiz é tal a falta de agua potavel que as auctoridades tomaram providencias para abastecer a povoação, transportando agua de fóra.

Expedição russiana. — Nestes ultimos tempos o governo da Russia tem procurado com grande empenho segurar as relações do imperio com os estados visinhos da fronteira da Asia. O rigor do inverno de 1839 a 1840 frustrou a expedição enviada contra Chiva para pôr cobro nas rapinas das tribus kirgises.

Actualmente descobriu-se melhor caminho pelo lago Aral. É verdade que este lago é separado da fronteira russiana pelas planicies que os kirgises habitam; porém, essas tribus anteriormente hostis á Russia acham-se hoje mais ou menos sob o dominio desta potencia, por meio de uma linha de fortes e do cordão dos cossacos que protegem as caravanas.

Foi nomeada uma commissão scientifica nautica para explorar o lago, e o resultado de seus trabalhos decidiu o governo a mandar construir na Suecia tres barcos de vapor para o lago Aral, e que brevemente serão transportados ao logar do seu destino. Ha tambem no lago quantidade de embarcações de vela; e quando tudo estiver preparado, a expedição tomará o seguinte rumo. A tropa, partindo de Orenburg, marchará para o forte Aral, situado ao desembocar do Syr-Daria no lago; depois, subindo pelo rio chegariam ás duas cidades commerciantes de Teschend e Chokend: subiriam depois pelo Syr-Amru para ir a Chiva, sita nas margens do mesmo rio, e a Bockhara. É facil de comprehender o quanto será vantajoso para a Russia o bom resultado de tal expedição e o ciume que causa ao governo inglez este projecto.

Novas minas. — A Dinamarca vai ser possuidora de minas rendosas. — No principio do passado julho, sahiu de Copenhagen para a Groenlandia uma expedição scientifica com o objecto principal de explorar, em sentido mineralogico, a cordilheira de serras que corre por todo o cumprimento daquelle paiz. Aos 12 de setembro chegou á colonia dinamarqueza de Julianehaab, e logo no dia 13 começou suas pesquizas nas montanhas proximas. As primeiras enchadadas descobriram veios de mineral de cobre quasi á flor do chão, formando tres ramaes distinctos e que segundo todas as apparencias devem ter grande espessura e sobretudo muitissima extensão.

Á proporção que os mineiros trabalhavam rodavam pelo vertente da montanha massas do mineral do pezo de 200 a 800 libras cada uma, e que continham 60 a 70 por cento de cobre puro. Os engenheiros directores da expedição participam que, attenta a grande analogia que observam entre a formação das serras da Groenlandia e a dos montes Uraes

na Russia, não perdem a esperança de descobrir nas primeiras não sómente minas de ouro e de platina, mes tambem de prata.

Caminhos de ferro em Noruega. — Escrevem de Christiania em 25 de novembro passado. — As obras da vasta rede de caminhos de ferro do lago Mjoensen, que foram começados em seis pontos differentes, progridem agora com extrema actividade, não obstante os rigores da estação actual. O primitivo numero de operarios era 3:200, e acha-se hoje augmentado mais de metade; são todos noruegos, mas dos contramestres ou aparelhadores 82 são inglezes. Com o tempo frio, secco, e de luar, o trabalho dura até á meia noite. Já se minaram a fogo 134 enormes penhascos; e todas essas perigosas operações foram tão bem dirigidas, e desempenhadas com tamanha prudencia, que não houve mais damno do que um homem ferido, e esse mesmo levemente.

Protestante convertido. — O reverendo padre Ignacio Passionista (lord Spencer) prégou no dia 24 de novembro na egreja de S. Luiz dos francezes em Roma. É um inglez convertido ha annos ao catholicismo: fez o seu sermão em lingua franceza, e pediu ao auditorio que o auxiliasse em suas orações para a completa conversão da sua patria. No domingo proximo pregava na lingua ingleza na egreja de St.ª Ignez.

(Osservatore romano).

Ascensão ao Pão d'Assucar da barra do Rio de Janeiro. De uma carta inserta no *Jornal do Commercio* de 9 de novembro ultimo tomamos o seguinte extracto.

Ainda lhe não fallei da ousada ascensão ao Pão d'Assucar; são idéas do Norte-Americano Burdell que desta vez encontrou companheiros para a sua arriscada empreza: cumprirei agora este dever, assegurando-lhe desde já que, apezar da ufania que deve ter um homem que subiu ao Pão d'Assucar, eu lá não iria nem que me dessem todas as riquezas do mundo.

Eram dez os viajantes, contando-se entre elles duas senhoras e um menino, todos estrangeiros. Sahiram da cidade no dia 31 de outubro, ás 11 horas da manhã, e chegaram ao ponto do desembarque, donde deviam começar a ascensão, ao meio dia menos um quarto. Depois de grandes fadigas, e muito sequiosos, venceram a primeira subida perpendicular da montanha á 1 hora. Ahi descançaram um pouco, e um dos companheiros que desanimára, quiz voltar, o que não fez, cedendo ás rogativas das senhoras. O que não alcançarão senhoras, principalmente quando são bonitas! Lembre-se da historia do genero humano.

Á hora e meia começaram a segunda subida, mais difficil e perigosa, e ás duas chegaram á terceira, que é quasi perpendicular e tem uns 70 pés de altura. Só de contar-lhe estou todo arripiado: se uma daquellas creaturas descamba por alli abaixo! em que ficaria a empresa? Ahi foi-lhes de muito auxilio um marinheiro norte-americano que os acompanhava; atou uma corda á cintura, e com grande esforço e energia conseguiu subir e amarrar a corda em uma arvore pequena. Apoiados nella subiram todos, menos as senhoras e o menino, que foram atadas pela cintura e guindadas para cima. Gastaram ahi nada menos de uma hora. Finalmente entraram na ultima parte da ascensão.

Bravo! lá está o menino, o joven Luiz Burdell no cume da montanha! Como está alegre! Que exclamações enthusiasticas á vista do panorama que se desenrola ante seus olhos! Foi elle o primeiro que lá chegou; precedeu ao pai, á mãi e aos outros companheiros. Suas palavras foram uma animação para os viajantes. Eram quatro horas e meia; dez minutos depois tinha elle companheiro junto a si: ás cinco horas estavam todos em cima. Felicitemo-nos; estão salvos!

O tal menino promette!

Depois de descansarem uma hora, deram os viajantes signal de terem chegado a salvamento, soltando foguetes do ar de 10 em 10 minutos. Assim passaram até ás 7 horas; desceram então um pouco para o lado de Botafogo, em quanto os marinheiros acendiam em varios logares uma materia combustivel de que estava coberta a montanha. Em menos de 5 minutos apresentou-se o Pão de assucar com uma corôa de fogo.

A sêde foi o maior incommodo que sentiram, ainda mais que o cansaço; já tinham acabado a agua que levaram, e viram-se obrigados a beber a que encontraram nos coroatás, e apesar de estar quasi podre pareceu-lhes deliciosa.

«Depois de contemplarmos a cidade e arrabaldes, disse-me um dos viajantes, e alegrar-nos com muitas de nossas cantigas nacionaes, que pareciam transportarnos á terra da patria, fomos descansar ás 11 horas — não dormir, — pois todos, menos o menino, estavamos demasiadamente excitados pelo genio do logar. As luzes longinquas, o zunir do vento, o pincaro elevado em que nos achavamos, como que nos separavam do resto do mundo, e nos attrahiam para o Deus da natureza, que habita templos não construidos por mãos de homens.»

Ao alvorecer estavam todos occupados em hastear os dois pavilhões das duas principaes nações da America, do Brasil e dos Estados-Unidos; juntaram-lhe o da Grã-Bretanha. Ás 8 horas da manhã do 1.º de novembro estava este trabalho concluido, e os viajantes em torno das tres bandeiras deram tres vivas com enthusiasmo, como nunca ouvira aquella montanha solitaria.

Principiou a descida, e agora apparece um perigo novo, que hontem não havia. O fogo queimou o capim em que elles se seguraram e apoiaram; a pedra está nua e lisa. Desceram comtudo, e o unico desastre foi a quéda de uma pedra pequena, que cahindo na cabeça da senhora ingleza, abriu-lhe uma brecha, o que todavia não a desanimou.

Na descida, perto do cume, acharam uma bala de artilheria de 24; conjecturaram que devia ter sido atirada da fortaleza de Santa Cruz, o que parece incrivel, pela altura em que estava. É o tropheo da campanha; carregaram com ella. Chegaram ao ponto de partida sem accidente; voltaram á cidade depois de uma ausencia de 30 horas.